

INTRODUÇÃO

Se é um falante fluente de inglês, de um dos seus muitos dialectos, saberá já tudo o que está neste livro¹.

Isso não deve surpreendê-lo. Se viveu toda a vida num país de língua inglesa, começou logo a prestar atenção à língua desde que nasceu e começou a falá-la a partir do primeiro ano de idade. A sua gramática cresceu rapidamente. Levou uns anos a compreender como funcionavam todas as regras e cometeu alguns erros durante essa fase, mas, por volta dos 5 anos, tinha certamente aprendido todas as regras descritas neste livro – e muitas mais.

Aprender as regras da gramática significa ser capaz de construir frases com todas as palavras na ordem correcta, com as terminações correctas, de forma a que tudo faça sentido. Significa também ser capaz de reconhecer quando as regras estão a ser respeitadas ou quando estão a ser violadas. Quando uma frase é formada de acordo com as regras da língua, dizemos que ela é **gramatical**. Quando uma frase viola as regras, dizemos que é **agramatical**. [...]

A distinção entre gramatical e agramatical parece evidente, mas há três situações problemáticas².

- ◆ Se cresceu numa zona em que se falava um dialecto regional do inglês, pode não conhecer todas as regras do inglês padrão. Inglês padrão é a variedade da língua mais amplamente usada e compreendida em todo o universo dos falantes de inglês. O seu dialecto regional pode ter regras de gramática diferentes das que encontramos no inglês padrão; se isso aconteceu, precisa de aprender as formas do inglês padrão, especialmente quando escreve, se quiser fazer parte dessa comunidade alargada. Este livro trata, fundamentalmente, das regras do inglês padrão.
- ◆ As regras do inglês padrão variam um pouco, quando as pessoas adaptam a sua linguagem a diferentes situações. Em particular, as regras que comandam a forma como falamos são diferentes daquelas que regem a forma como escrevemos. Este livro chama a atenção para essas diferenças – e, também, para as formas distintas em que o inglês padrão é usado em situações especiais tais como ciência e literatura.
- ◆ O inglês padrão está permanentemente em lenta mudança. A língua evoluiu, de forma extraordinária, desde os tempos anglo-saxónicos e, quando lemos as obras de Chaucer e Shakespeare, podemos ver muitas diferenças nas regras gramaticais utilizadas³. As alterações continuam a acontecer, com distintas gradações, nas distintas partes do mundo. Por consequência, as pessoas usam a gramática de maneiras ligeiramente diferentes e não têm a mesma perspectiva sobre qual a “melhor” forma de Inglês a usar. Quando as pessoas não concordam sobre qual é o inglês padrão correcto, dizemos que se trata de uma discussão acerca do **uso**. [...]

SABER GRAMÁTICA

Mesmo que tenha sido educado a falar inglês padrão, poderá ter dificuldades em falar sobre o que aprendeu. “Saberá gramática”, mas pode não “conhecer a gramática”. “Conhecer a” gramática significa que se pode falar sobre o que se sabe. É o mesmo que “conhecer” qualquer outro tema. Quando se aprende biologia, aprende-se o modo de olhar para as coisas vivas; aprende-se a descrevê-las com precisão; aprendem-se os termos técnicos que pertencem à biologia. É o mesmo com a gramática. [...]

POR QUE RAZÃO É IMPORTANTE CONHECER A GRAMÁTICA? HÁ CINCO RAZÕES PRINCIPAIS.

1. **A gramática é a base da língua.** Não é a maior parte da língua (este papel cabe ao léxico), nem o mais notável (esta distinção pertence à ortografia e à pronúncia); mas é o mais fundamental. A gramática é o esqueleto que mantém tudo no seu lugar. Sem gramática, ficamos com uma amálgama de palavras e partes de palavras, mas nada faz qualquer sentido.
2. **Somos continuamente solicitados para pensar cuidadosa e criticamente sobre a forma como a língua é usada à nossa volta.** Anunciantes, políticos, advogados, jornalistas, locutores de TV e muitos outros estão empenhados em tentar dar-nos conta do que se passa no mundo, em persuadir-nos ou em vender-nos coisas, utilizando a linguagem como ferramenta. São peritos em manusear a gramática de acordo com os seus objectivos e nós devemos ser peritos também se quisermos saber quais são esses objectivos.
3. **A língua inglesa, como qualquer língua, é um objecto de grande poder, flexibilidade e beleza.** É um meio que nos fornece extensas áreas de utilização para explorar, especialmente em literatura, e nas quais cada um de nós pode ter criatividade sem fim. Quanto mais sabemos como este meio funciona para conseguir os seus notáveis resultados, mais aptos estaremos para apreciar quando as pessoas o estão a utilizar apropriadamente e mais hipóteses teremos de melhorar o uso que fazemos dele.
4. **O nosso uso da língua pode desapontar-nos.** Podemos estar cansados, descuidados ou distraídos e produzir um discurso ou uma escrita ambíguos, imprecisos ou definitivamente ininteligíveis. Para corrigir estes problemas, precisamos de observar a nossa linguagem ao microscópio e descobrir aquilo que correu mal. Frequentemente o diagnóstico será um deficiente domínio da gramática.
5. **Aprender a gramática da língua inglesa pode ajudar a aprender a de outras línguas.** Quanto mais soubermos sobre a forma como as palavras e frases funcionam em inglês, melhor veremos as relações entre o inglês e as outras línguas. Podemos saber, com efeito, alguma terminologia gramatical por termos aprendido uma língua estrangeira. É um óptimo começo – mas atenção às diferenças.

David Crystal (1996), *Discover grammar*, London: Longman. Excerto traduzido do inglês por Domingos Carvalho.

Notas de tradução

¹ *Mutatis mutandis*, se é um falante fluente do português, saberá já tudo o que vai ser dito (sobre a gramática do português), ao longo do semestre, na cadeira *Estrutura das Frases em Português*

² Celso Cunha e Lindley Cintra (1984, Cap. 1., p. 3) referem: «Em princípio, uma língua apresenta, pelo menos, três tipos de diferenças internas, que podem ser mais ou menos profundas:

I.º) diferenças no espaço geográfico, ou VARIAÇÕES DIATÓPICAS (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais)

II.º) diferenças entre as camadas socioculturais, ou VARIAÇÕES DIASTRÁTICAS (nível culto, língua padrão, nível popular, etc.);

III.º) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou VARIAÇÕES DIAFÁSICAS (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.).»

⇒ Aconselha-se a leitura de todo o capítulo 1. (*Conceitos gerais*) desta gramática.

³ A VARIAÇÃO DIACRÓNICA (devida ao passar do tempo) é, em português, menos dramática do que em inglês. No entanto, há mesmo assim diferenças apreciáveis entre o português dos textos medievais e mesmo renascentistas (o das crónicas de Fernão Lopes ou o dos autos de Gil Vicente, por exemplo) e o português dos nossos dias.

A variação diacrónica afecta não só as regras gramaticais, mas também o léxico (palavras que desaparecem ou cujo significado é alterado pelo decurso do tempo).